

Em busca de uma práxis formativa: a experiência do Laboratório de Pesquisa e Prática em Formação de Professores da UGF

Cláudia Affonso (UGF/CPII)¹

Como parte do processo de revisão curricular, o Departamento de História de UGF vem experimentando, desde 2005, uma nova proposta de formação de professores de História. Organizado em torno de disciplinas, oficinas e estágios supervisionados, o curso observa 3 dimensões consideradas centrais: 1) a politização do discurso pedagógico e a inserção do licenciando no debate sobre a educação no Brasil; 2) a iniciação à pesquisa e a construção de projetos de investigação associados ao ensino de História e 3) o aprofundamento conceitual e a produção teórico-metodológica no campo do ensino de História.

Compreendendo a necessidade de articular conhecimentos teóricos e práticas de trabalho docente na formação do professor, afirmamos que o simples domínio da teoria, não é suficiente para que se estabeleça a competência profissional, entendida em sua dimensão de práxis, uma vez que esta é, segundo Vazques, “(...) atividade teórica e prática que transforma a natureza e a sociedade; prática, na medida em que a teoria, como guia da ação, orienta a atividade humana; teórica, na medida em que esta ação é consciente”(VASQUEZ, 1968: 117). Outra exigência teórico-metodológica situa-se na compreensão da formação de professores como uma formação interdisciplinar, que forma indivíduos capazes de ver/entender o mundo e suas problemáticas, não de forma fragmentada, mas através de uma visão "inter-relacionada" das questões políticas, econômicas, socioculturais e tecnológicas contemporâneas.

O Laboratório de Pesquisa e Prática em Ensino de História da UGF foi criado em dezembro de 2007, com o objetivo de agregar teórica e virtualmente o conjunto de iniciativas e linhas de pesquisa iniciadas nas Oficinas e Estágios que compõem o currículo da Licenciatura e, em certa medida, do Bacharelado em História.

Um *lamentável* contraponto oficial

A discussão e instituição das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica (Parecer No CNE/CP 009/2001) e as Diretrizes Curriculares dos Cursos de História (Pareceres CNE/CES 492/2001 e 1363/2001) apostam, entretanto, num outro sentido. Apesar da pertinente crítica à prevalência dos cursos de bacharelado em

¹ Cláudia Affonso é Professora Doutora em Trabalho e Educação formada pela UFF e atua no Colégio Pedro II (Professora de História estatutária) e na UGF (Professora de História do Brasil IV e Oficinas de História).

História, em detrimento das licenciaturas em História – vistos como apêndices do bacharelado – as diretrizes não deixam de conceber a formação do professor como um “tecnólogo” do ensino. Além disto, os documentos sustentam a “dicotomia entre pesquisa acadêmica ou científica e pesquisa realizada pelo professor” (MESQUITA E ZAMBONI, 2007: 8) ao recomendar que os professores de História devam ter “noções básicas dos contextos e dos métodos de investigação usados pelas diferentes ciências, para que não se tornem meros repassadores de informações” (CNE, 2001: 34).

Como pano de fundo estão, nos documentos, as concepções de pesquisa e ciência como atributos exclusivos do ambiente universitário e do profissional bacharel em História, permanecendo a escola como lócus da transposição didática, ainda que para isto apareçam novas exigências de cunho metodológico. Perde organicidade a relação teoria da História/ensino de História que vimos perseguindo em nossa proposta. Neste sentido concordamos com Veiga (2003: 2) para quem esta perspectiva de formação está centrada na idéia de competência restrita, na realidade, ao lado prático, ao saber fazer, ao tecnólogo do ensino, “(...)isto é aquele que faz, mas não conhece os fundamentos do fazer, que se restringe ao micro universo escolar, esquecendo toda a relação com a realidade social mais ampla que, em última instância, influencia a escola e por ela é influenciada.”

Mais uma vez, opera-se na contramão da associação teoria/prática; bacharelado/licenciatura; pesquisa/ensino. Para Tardif (2000: 18/19) que analisou o problema em termos internacionais, permanece o paradigma aplicacionista.

Para Fávero (2004), a relação entre teoria e prática tem se apresentado em todos os tempos, na história das idéias e na universidade, sob duas formas: uma dicotômica e outra dialética. Segundo ela, na concepção dicotômica o papel da universidade na formação dos profissionais é entendido como o de favorecer a aquisição de conhecimentos acumulados. A autora sustenta que falta à universidade a preocupação com a elaboração de elementos que deverão contribuir para a intervenção na realidade social. “A teoria é vista e pensada como um conjunto de verdades absolutas e universais. (...) pode, também manifestar-se na ênfase ou no privilégio da formação prática, ou melhor, na inserção do indivíduo na prática. Essa prática é vista como se tivesse lógica própria, independente da teoria”(2004: 64).

De todo modo e em ambos os casos, afasta-se da formação do professor de História o acesso à epistemologia desta ciência e as dimensões da escola e da prática docente como universos de pesquisa e produção do próprio conhecimento histórico.

Em busca de outros pressupostos teóricos

Alinhadas com a compreensão de que a universidade deve ser uma instituição promotora do avanço do saber e do saber fazer, de invenção e de descoberta, de teoria e prática, de novos processos; de pesquisa e socialização de saberes (FÁVERO, 2004: 53) e, considerando a dinâmica contemporânea da relação ciência/tecnologia, pensamos que a pesquisa científica, a procura de princípios e mecanismos que conduzam à inovação tecnológica, os estudos literários e as especulações filosóficas, a investigação em todos os domínios da ciência e da cultura são seus objetivos primeiros, os postulados da universidade no mundo contemporâneo. (LOPES, 1985: 103).

Cabe à universidade, neste sentido, a formação de cidadãos pensantes que buscam soluções para os dilemas da humanidade e realizam-se pela capacidade de trabalho científico-tecnológico ali adquirida. A lógica do trabalho e da formação profissional é, portanto, intrínseca ao papel da universidade.

Igualmente há que considerar-se que a formação do profissional não está dissociada da formação do sujeito. Daí entender-se que a formação do profissional é também social e histórica. Assim, a capacidade de análise da realidade concreta, de proposição de soluções científicas e tecnológicas bem como de intervenção na realidade estará sempre em relação com os universos de possibilidades de socialmente compartilhado.

Sendo a universidade um dos espaços de formação do profissional e de construção do conhecimento, entendemos que, por ser ele uma busca permanente cuja dimensão prática – da experiência do sujeito em relação ao objeto de conhecimento, se associa à dimensão social – já que a inter-relação do sujeito com o objeto só se dá por mediações complexas e variadas que dizem respeito às relações dos homens entre si e destes com a natureza, ele é também histórico e concreto (GARCIA, 2004: 75).

Buscando implicar a concepção do curso de formação de professores de História da UGF com estes pressupostos iniciais, temos perseguido uma perspectiva orgânica que evite a dissociação entre teoria e prática e atenda ao objetivo de viabilizar momentos de **interdisciplinaridade e sínteses provisórias** dos conhecimentos adquiridos nas disciplinas

específicas – sejam elas do currículo propedêutico, da licenciatura ou do bacharelado. Com este objetivo, instituímos as Oficinas (de 1 a 4). Por outro lado, instituímos as Oficinas (5 e 6) como momentos totalizadores e basilares para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da licenciatura.

A expectativa é de que o conjunto do processo permita ao aluno, sujeito do seu processo de aquisição e produção de conhecimento, romper as barreiras do conhecimento parcializado e construir, por leituras dialógicas e dialéticas, novos conhecimentos sobre o real (Bakhtin, 1982). Ao adquirido poderíamos chamar de competência profissional se compreendemos, diferentemente do que aparece nos textos oficiais das Diretrizes que competência é “a capacidade de agir, em situações previstas e não previstas, com rapidez e eficiência, articulando conhecimentos tácitos e científicos a experiências de vida e laborais vivenciadas ao longo da história da vida...vinculada a idéia de solucionar problemas, mobilizando conhecimentos de forma transdisciplinar a comportamentos e habilidades psicofísicas, e transferindo-os para novas situações; supõe, portanto, a capacidade de atuar mobilizando conhecimentos”(KUENZER, 2002).

A lógica da concepção do curso implicou a busca da **superação da linearidade e hierarquização, da fragmentação e individualização dos conhecimentos** e a apresentação de uma outra lógica, baseada em complexidades crescentes, articuladas em momentos de sintetização, referidos a processos individuais e coletivos de pesquisa e produção do conhecimento.

O que se pretende, em contraposição ao que está nos documentos oficiais, é formar para uma nova relação entre sujeito e objeto que valorize a relação entre teoria e prática e a preocupação pedagógica de promovê-la nos cursos de formação inicial e continuada de professores. Para nós, “não se trata mais de apenas fazer, mas de fazer refletido, o que remete à idéia do movimento do pensamento que transita do mundo objetivo para sua representação no plano da consciência; ou seja, o pensamento não é senão uma imagem subjetiva do mundo objetivo, que se constrói a partir da atividade humana.” (KUENZER, sned: 9)

Em nosso currículo, a escola e a relação de ensino e aprendizagem da História tornam-se objeto de pesquisa – e não de contemplação, pela via dos estágios, rompendo com a histórica segmentação e hierarquização entre teoria e prática, em que o momento da teoria precedia o momento da prática, que se dava apenas através dos estágios. Entendeu-se que “a pesquisa,

percorrendo todo o curso, garantiria uma permanente relação teoria-prática. Prática não entendida apenas como atividade, mas também, e principalmente, como acumulação e transmissão de conhecimentos apriorísticos, vistos como apropriação refletida da prática” (GARCIA e ALVES, 2004: 79).

Necessariamente prático, o pensamento humano e a produção de conhecimento se dão na atividade humana de caráter material, concreto-sensorial, passível de verificação empírica, uma vez que provoca mudanças no objeto, e ao mesmo tempo, no próprio sujeito. A possibilidade pensada aqui é de articulação entre estes dois pólos – o teórico e o prático, que mesmo não se opondo, guardam especificidades².

Um percurso, *muitas possibilidades formativas.*

Pensar na sala de aula como um espaço que possibilita a construção de conhecimento, como um lugar de pesquisa em História, é sem dúvida, pensar na formação do professor, sem dissociá-la da formação de pesquisador.

Portanto, ver o futuro professor sem separá-lo da prática de pesquisa histórica tem sido o nosso desafio. Fazer com que o futuro profissional da área de ensino de história consiga articular o conhecimento teórico e metodológico da História, com a prática educativa, faz-nos perceber que tal encontro se torna cada vez mais necessário e possível diante das novas possibilidades discutidas no campo das relações ensino-aprendizagem, sobretudo na nossa disciplina específica, a História. Sendo importantíssimo fazê-lo ao mesmo tempo que o forma como professor não esquecer a discussão: O que é História?

Essas Oficinas representam uma interseção entre a formação do professor/ pesquisador, articulando três eixos: o conteúdo específico do curso, as práticas pedagógicas de ensino em História e a parte teórico–metodológica da ciência História. Através da nossa orientação

² “A segunda discussão que se faz necessária é a da possibilidade de se estabelecer identidade entre o conhecimento teórico e a prática, o que vale dizer, no processo de trabalho, entre o prescrito e o real. Acerca desta questão, podemos afirmar que a teoria corresponde a uma interpretação possível da realidade, em um dado tempo e em um dado espaço; assim, será sempre parcial, revelando e escondendo ao mesmo tempo. Já a realidade é complexa, síntese de múltiplas determinações que não se deixa conhecer em sua plenitude pelo pensamento humano, sempre parcial e determinado pelo desenvolvimento histórico das forças produtivas. Portanto, mesmo reconhecendo o caráter prático o pensamento que expressa a relação entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido, não é possível afirmar a possibilidade da identidade entre a expressão formal, estática e parcial operada pelo pensamento sobre a prática e a riqueza do movimento e da complexidade que caracteriza a realidade. Não há, portanto, como promover através de um curso, esta identidade, posto que a realidade não se deixa aprisionar pelo conhecimento teórico, o qual questiona, nega e supera permanentemente, através do pensamento que se move entre os pólos do abstrato e do concreto” (KUENZER, sned, p.9)

buscamos dar condições ao aluno a articular permanentemente teoria e prática, construindo seu próprio conhecimento, saindo do senso comum e produzindo dentro de padrões científicos. Conhecimento esse resultado de trabalhos materiais que não podem perder de vista a intenção de interagir com o espaço da universidade (acadêmico), mas, também com a sociedade de forma geral. Estimular o aluno, futuro professor, desde o segundo período da faculdade, para ensiná-los a raciocinar e, ainda mais importante, ensiná-los que é possível raciocinar (Snyders, 1995, 109) e produzir conhecimento, capacitando-o a dialogar com a sociedade e a própria universidade. O resumo das propostas e produtos de cada Oficina, apresentados ao Colégio Gama Filho, da mesma Universidade, nos mostra um pouco da dinâmica buscada:

Disciplina	Temática	Possibilidades de Atividades	O que já temos?
Oficina I	Estado, Políticas Públicas e Educação	Oficinas, debates e atividades complementares sobre o Estado brasileiro, democracia, cidadania, análises comparativas entre as experiências latino-americanas e européias no campo da democracia; Educação e democracia. (TEMAS TRANSVERSAIS DOS PCNs)	Vídeos, DVDs, Gibis Interativos, Jornais, Revistas, Campanhas Publicitárias – todos produzidos por alunos da UGF.
Oficina II	Cultura e Projetos Culturais na Escola	Realização de atividades de campo, visitas guiadas e aulas sobre patrimônio histórico e cultural em todos os museus, acervos e lugares de memória do Rio de Janeiro. Realização de feiras, exposições e seminários organizados pelos alunos da UGF.	Diversos Projetos Culturais já prontos.
Oficina III	Uso de Fontes Históricas na sala de aula	Desenvolvimento da capacidade de leitura e interpretação de diferentes fontes históricas, apontando o contexto de produção, o contexto histórico da fonte e as problemáticas históricas à elas ligadas (PCNs)	Diversos projetos de análise de diferentes fontes (escritas, iconográficas, orais, áudio-visuais) adequados a vários conteúdos do fundamental e médio.
Oficina IV	Os conceitos no ensino de História	Desenvolvimento da capacidade de compreensão da História e de redação em História a partir da aquisição de conceitos.	Pesquisa e sistematização sobre os principais conceitos históricos; propostas metodológicas para desenvolvimento dos conceitos junto com os alunos.

Articulação com os estágios supervisionados

Os Estágios Curriculares:

Disciplina	Proposta do Estágio	Carga Horária	Possibilidades de Atuação
Estágio I	Conhecer a prática pedagógica em escolas do 2º segmento do Ensino Fundamental, aí inserido o ensino de História.	20 h no Colégio e 40 na UGF	Desenvolvimento de projetos de ensino de História com utilização de fontes diversas (música, artes, imagens em geral, cinema, documentos de época); Desenvolvimento de projetos de avaliação em História; Desenvolvimento de pesquisas e sistematizações sobre a prática pedagógica do Colégio Piedade.
Estágio II	Conhecer a prática pedagógica em escolas de Ensino Médio, aí inserido o ensino de História.	20 h no Colégio e 40 na UGF	Desenvolvimento de projetos de ensino de História com utilização de fontes diversas (música, artes, imagens em geral, cinema, documentos de época); Desenvolvimento de projetos de avaliação em História; Desenvolvimento de pesquisas e sistematizações sobre a prática pedagógica do Colégio Piedade.
Estágio III	Observação, acompanhamento de atividades, co-participação e regência de turmas em História do 2º segmento do Ensino Fundamental	80h no Colégio e 40 h na UGF	Desenvolvimento de projetos de ensino de História com utilização de fontes diversas (música, artes, imagens em geral, cinema, documentos de época); Desenvolvimento de Aulas de Apoio e acompanhamento de alunos; Desenvolvimento de atividades de campo, aulas culturais, projetos culturais na escola entre outros.
Estágio IV	Observação, acompanhamento de atividades, co-participação e regência de turmas em História do Ensino Médio	80h no Colégio e 40 h na UGF	Desenvolvimento de projetos de ensino de História com utilização de fontes diversas (música, artes, imagens em geral, cinema, documentos de época); Desenvolvimento de Aulas de Apoio e acompanhamento de alunos; Desenvolvimento de atividades de campo, aulas culturais, projetos culturais na escola entre outros.

Projetos do LPPEH

Como espaço articulador teórico virtual, o LPPEH existe através de seus projetos e atividades. No quadro abaixo, apresentamos uma síntese de suas atividades:

Projeto	Objetivos	N. de alunos	de Professores Responsáveis
----------------	------------------	---------------------	------------------------------------

		envolvidos	
Ensino de História e Meio Ambiente	Subsidiar o Projeto Articulador do Colégio Gama Filho em 2008; Gerar referências teóricas e metodológicas para o ensino de História Ambiental.	03	Professora Dra Cláudia Affonso
Ensino de História e Educação Patrimonial	Subsidiar o Projeto Educativo do Museu Universitário Gama Filho e Gerar referências teóricas e metodológicas para a Educação Patrimonial no Rio de Janeiro	06	Professora Dra Cláudia Affonso/ Professora Dra Márcia Bandeira
Ensino de História nas Séries Iniciais do EF	Subsidiar o Projeto Articulador do Colégio Gama Filho em 2008; Gerar referências teóricas e metodológicas para o ensino de História nas séries Iniciais do EF.	02	Professora Dra Cláudia Affonso/Professora Dra Maria José Wehling
Ensino de História Através de Imagens	Subsidiar a Produção Histórica e Educativa da TV Gama Filho; Gerar referências teóricas e metodológicas para o ensino de História através de Imagens	04	Professora Dra Cláudia Affonso/ Professora Ms Ana Paula Magno
Literatura como fonte para a pesquisa e o ensino da História	Subsidiar a pesquisa Histórica com fontes literárias; Gerar referências teóricas e metodológicas para o ensino de História através da fonte literária.	02	Professores Ms Marta Bejder e Mário Danner

Conclusão

Embora consciente do caráter inicial e experimental de nossa proposição, identifico nossas preocupações com aquelas históricas e permanentes no campo da formação de profissionais da História. Recentemente (2/6/2008) a mesa de abertura do Seminário Nacional “Ensino de História: memória e historiografia”, realizado na UFF, detinha-se sobre a problemática desarticulação entre a pesquisa e o ensino da História. Em sua fala a Profa Dra magali Engel insistia na necessidade de uma aproximação entre a Universidade e a Escola - em uma perspectiva mais horizontal; e apontava como nó da questão o da articulação ente Teoria e Prática em História. Insinuando um caminho de resolução o conferencista de abertura - Prof. Dr. Manuel Salgado Guimarães - buscou compreender o Ensino da História como *uma das escritas da História*.

É esse o ambiente de nossa busca mas vemos como Gramsci que "Sente-se que a dialética é coisa muito árdua e difícil, na medida em que pensar dialeticamente vai contra o vulgar senso comum, que é dogmático, ávido de certezas peremptórias."

BIBLIOGRAFIA

- BAKTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. SP, Hucitec, 1986.
- FÁVERO, M.de L. *Universidade e Estágio Curricular: subsídios para discussão*. In: ALVES, N. *Formação de Professores: pensar e fazer*. SP, Cortez, 2004. (Questões de Nossa Época, 1)
- GARCIA, R. e ALVES, N. *A construção do conhecimento e o currículo dos cursos de formação de professores na vivência de um processo*. In: ALVES, N. *Formação de Professores: pensar e fazer*. SP, Cortez, 2004. (Questões de Nossa Época, 1)
- KONDER, Leandro - *O futuro da filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. Pps 59/140
- KUENZER, A. *Competência como práxis: os dilemas da relação entre teoria e prática na educação de trabalhadores*. Sned.
- _____. *Conhecimento e competência no trabalho e na escola*. Boletim Técnico do Senac, RJ, v. 28, n. 2, maio/ago 2002.
- LOPES, J.L. *Reflexões sobre a universidade*. *Educação Brasileira*, 7 (15): 103-112, 2º semestre de 1985.
- MESQUITA, I. e ZAMBONI, E. *Diretrizes e Diretrizes: currículos para a formação de professores*. In: *Ensino de História*. Revista do Laboratório de Ensino de História da UFF. Niterói, V. 6, no 6, julho de 2007.
- TARDIF, M. *Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério*. In: *Revista Brasileira de Educação*. RJ: ANPED, Jan/Fev/Mar/Abr, 2000, n 13.
- VASQUEZ, A. S. *Filosofia da Práxis*. RJ, Paz e Terra, 1968. p 117.